

Palavras do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na abertura da reunião com educadores

Palácio do Planalto, 15 de março de 2007

Primeiro, quero explicar para vocês o motivo de nós estarmos convocando esta reunião. Eu estou hoje mais convencido do que nunca de que nós temos uma dívida enorme com o povo brasileiro na área da educação, temos compromissos extraordinários, também, na área da educação. Pelas vias normais e tradicionais, eu penso que o Estado brasileiro não dará conta de resolver o problema do estoque de gente que ficou à margem do processo educacional deste País. Então, é preciso criar alguma coisa nova, é preciso pensar alguma coisa nova.

Obviamente que se a gente for na Câmara dos Deputados, se a gente for pegar tudo que está escrito sobre educação, possivelmente muita gente tenha escrito coisas muito importantes sobre educação. Ao longo da história, muitos educadores acharam que a sua forma era a forma mais correta de educar este País. Em alguns momentos, outros entenderam que a sua forma era a forma mais eficaz para alfabetizar o País.

O dado concreto é que nós entramos no século XXI, estamos tentando fazer muita coisa, mas ainda temos praticamente tudo a resolver no que diz respeito à educação.

E essa conversa com vocês é para torná-los cúmplices de uma política que não pode ser uma política de governo, tem que ser uma política da sociedade brasileira.

Nós fizemos uma pesquisa, através do Núcleo Estratégico do governo, e nessa pesquisa só tem uma coisa que é unanimidade, só tem um item que é unanimidade na pesquisa que nós fizemos pela internet com todos os segmentos da sociedade. Qual é a unanimidade? Todo mundo defende uma educação de qualidade. É unanimidade. Aí, quando você faz a pergunta, se as pessoas acreditam que é possível o Estado brasileiro fazer isso, as pessoas não acreditam.

Então, nós estamos diante de um desafio que eu não sei se apenas as

boas teorias resolveriam, ou se é preciso juntar todas as teorias existentes, todas as boas vontades existentes e todo mundo da sociedade que quer participar, para ver se nós damos à sociedade essa resposta. Se ela tem na sua cabeça que a prioridade número um do Brasil é qualificarmos, do ponto de vista educacional, todo o povo brasileiro com uma educação de boa qualidade e ao mesmo tempo ela não acredita, significa que a experiência acumulada mostra que o Estado brasileiro, ao longo das últimas décadas, não deu resposta para isso. Nós já tivemos educação de qualidade no Brasil quando a gente tinha educação para pouca gente. Na medida em que a gente universaliza a educação... nós universalizamos, mas junto com a universalização não houve um acompanhamento da melhoria da qualidade da educação.

Então, nós estamos no pior dos mundos, ou seja, nós estamos vendo crianças ficarem quatro ou cinco anos na escola e a gente faz um teste apenas na 4ª série. Isso significa que nós passamos quatro anos sem saber como essas crianças estão aprendendo, e sem saber se os educadores, dentro da sala de aula, estão educando corretamente. Tem uma máxima que é a pura verdade: se um professor, um político ou qualquer um de nós fala uma coisa para alguém e essa pessoa não entende, essa pessoa não é inteligente o suficiente para entender; se a gente fala pela segunda vez e ela continua a não entender, essa pessoa ainda não é inteligente; mas se a gente falar pela terceira vez e a pessoa não entender, é preciso cuidar de quem está falando, e não de quem está ouvindo.

Então, nós temos uma situação extremamente delicada. Os testes feitos pelo Ministério da Educação, a chamada Prova Brasil, que antes era feita por amostragem apenas para 290 mil alunos nas escolas brasileiras, nós aumentamos para 3 milhões e 300 mil alunos, ou seja, nós deixamos a amostragem de lado e resolvemos fazer com todos os alunos da 4ª e da 8ª séries, em todo o território nacional. Veja, o resultado não é animador, e a minha discussão com o ministro Fernando Haddad – já era com o Tarso Genro – é que nós não temos como esperar quatro anos para fazer uma prova. Ou nós medimos essas crianças mensalmente, quinzenalmente, semanalmente, diariamente, ou não tem jeito. Você fica com uma criança quatro anos na sala

de aula para saber, quatro anos depois, com uma prova, se ela está aprendendo, é uma coisa um pouco difícil de entender.

Esse é um problema em que nós vamos ter que nos debruçar, e eu quero que vocês se debrucem sobre isso porque talvez, de todos aqui, eu seja o menos qualificado para discutir educação. Eu, aqui, estou apenas representando uma demanda de que eu sinto necessidade, mas quem dará a resposta, certamente, serão vocês e não eu. Então, esse é um problema: o ensino fundamental. Se nós não melhorarmos a qualidade do ensino fundamental neste País, e, muitas vezes, nós somos descrentes... Nós temos o sucesso extraordinário da Olimpíada da Matemática, em que se inscreveram 14 milhões de jovens, que participaram, e os resultados saíram nesta semana... Estou brigando para que a gente faça a Olimpíada de Português, porque nas provas de Português que a gente faz, é um negócio de muito pouco aprendido nas escolas, acho que as crianças não têm o hábito de ler, acho que os professores não têm o hábito de ler. Então, é preciso que a gente repense isso.

E, depois, nós temos uma coisa mais séria: nós temos as crianças de hoje, do ensino fundamental, que nós podemos cuidar; nós temos uma parte dos nossos adolescentes que estão cursando o ensino médio e, portanto, pretendem chegar à universidade; mas nós temos um estoque acumulado de milhões de jovens que já saíram da escola, que atingiram 15, 16, 17, 18 ou 19 anos de idade, e essas crianças estão saindo da escola. Esses jovens estão no pior dos mundos, porque estão, de um lado, fora da escola... certamente, estão fora da escola porque a escola não foi motivadora para eles continuarem. As pessoas, hoje, só fazem e só vão quando gostam, ou seja, se a escola não for uma coisa que desperte neles uma coisa prazerosa, eles não vão.

Depois, ele está nas ruas sem possibilidade de emprego, e a solução que se apresenta é, de um lado, o crime organizado disputando com as famílias quem vai tutelar aquele jovem que não tem escola e não tem estudo, e são milhões de adolescentes. E aí, quando acontecem as exceções, que levam os jovens a cometer barbaridades, a primeira atitude é alguém pedir: “vamos diminuir a maioria penal, porque assim nós resolvemos o problema dos jovens. O problema dos jovens é aumentar o tempo deles na cadeia, ou fazer com que eles entrem na cadeia mais cedo”. Na verdade, os estados brasileiros,

os municípios brasileiros e a União têm uma dívida e têm uma responsabilidade por esse jovem ter chegado a essa situação. Então, ao invés de assumirmos a responsabilidade e tentarmos encontrar uma solução, vamos puni-los? Essas coisas que acontecem, esses crimes não são regras, são exceções. A maioria são jovens pobres, de famílias pobres que querem acertar na vida. E qual é a oportunidade que nós estamos oferecendo?

Nós criamos o ProUni, que já foi um alento extraordinário para quase 270 mil jovens. Temos outras propostas. Eu sonho com o dia em que as universidades federais, todas, tenham cursos à noite para jovens pobres, sobretudo para o pessoal da escola pública. Eu sonho com o dia em que a gente aumente o número de alunos por aula, nas universidades federais. Nós vamos cumprir com a nossa meta de levar uma extensão universitária para cada cidade-pólo, uma escola técnica, em uma combinação que vai ser discutida com vocês, aqui. Mas nós não podemos mais ficar parados com esse assunto, não dá mais para ficarmos parados.

Eu estou convencido de que tão grave quanto os problemas sociais que nós temos hoje com esses jovens, nós temos um problema de desagregação da estrutura da sociedade, a partir da família e a partir da falta de perspectiva. Se nós não dermos resposta a essa falta de perspectiva que toma conta da cabeça de um adolescente com 15, 16, 17, 18, 20, 24 anos, nós não encontraremos a resposta para resolver outro problema da sociedade, que é o problema da violência.

Quando fizemos o PAC, nós determinamos prioridade em obras de infraestrutura, urbanização de favelas, palafitas e saneamento básico nas regiões metropolitanas brasileiras, que é onde está o grande problema deste País. Praticamente, 90% do PAC será atacar os problemas cruciais das regiões metropolitanas, a partir da pior coisa para a menos pior, ou seja, começando a atacar, nos grandes centros urbanos, as palafitas, as favelas, tentando urbanizar e dar condições de vida para isso.

Quando criamos o ProUni nós pensamos também em atacar as crianças das escolas públicas, os adolescentes das escolas públicas. Quando nós criamos o Soldado Cidadão, nós dissemos para as Forças Armadas que eram 50 mil jovens que a gente estava recrutando, de preferência jovens dos grandes centros urbanos, para dar a eles uma formação profissional e uma

disciplina. Esses jovens, já é o segundo ano em que a gente forma jovens altamente preparados, com disciplina, que aprenderam a lidar com armas, que aprenderam a atirar e estão na rua. Se não tiver a possibilidade do emprego e se a sociedade brasileira e o Estado não oferecerem uma resposta, certamente, o crime organizado oferecerá.

Eu estou convencido, meu querido Fernando Haddad, que esse não é mais um problema do Estado, esse é um problema da sociedade, porque ao longo de dezenas de anos se deixou que um estoque imenso de jovens ficassem sem expectativa de vida. É só a gente olhar as imagens quando mostram as cadeias e mostram os presos que cometeram crimes, que a gente vai ver: são todos filhos da década de 80 para cá. São o resultado de um milagre brasileiro que não distribuiu renda, são o resultado de políticas concentracionistas, são o resultado de uma política elitista que não pensava em educação de qualidade para todos e, sim, para aqueles que tinham o direito de estudar, que pertencem a uma casta neste País.

Agora, o desafio está colocado para nós. Se não fôssemos nós aqui, estaria colocado para outros. Então, eu falei para o Fernando Haddad: Fernando, ao invés de a gente fazer um projeto do governo, você juntar os seus técnicos... Na teoria tudo é fácil. O Djavan é quem fala que na teoria é fantástico, porque na teoria o dia tem 24 horas mas, na prática, ele tem manhã, tarde e noite, e ainda tem a madrugada para os boêmios.

Nós estamos diante de uma combinação que vai ter que ser uma síntese da capacidade intelectual e da capacidade prática da sociedade brasileira de apresentar uma resposta. Nós não estamos começando do zero porque muita coisa já foi feita ao longo dos anos, mas nós temos um estoque que deve ultrapassar 3 milhões de jovens neste País, e nós precisamos resgatá-los para a educação e para o trabalho, e sobretudo, resgatá-los para a cidadania.

Quem tem participado, ultimamente, do programa ProUni, quem tem participado das inaugurações das extensões universitárias e das escolas técnicas, a UNE e a UBES têm participado... A alegria do jovem por ter uma oportunidade, a alegria do jovem de falar: “eu jamais imaginei”... Eu encontro muita gente por aí que me abraça chorando, agradecendo por uma vaga numa universidade, por conta do ProUni.

O desafio que está colocado para nós é esse: como resolver o problema

da educação. Eu falei para o Fernando: não vete ninguém, convoque todos os ex-ministros da Educação deste País. Foi convocado o Paulo Renato, foi convocado o Cristovam, foi convocado o Murilo Hingel, foram convocados os que nós sabemos que estão aí na praça, ainda trabalhando, nós os chamamos. E também chamamos todos os educadores que nós podíamos chamar, independentemente da posição da pessoa. Nós não queremos saber de que partido é, de que igreja é, para que time torce, que escola de carnaval defende. Nós não queremos saber. Nós queremos saber se tem uma contribuição para dar para a educação brasileira, porque nós estamos, depois do PAC... não posso chamar de PAC, mas nós queremos apresentar uma grande reforma para a educação brasileira. Não sei se a palavra é “grande reforma”, não sei, mas nós queremos fazer alguma coisa a mais do que está sendo pensado, e queremos fazer isso com a cumplicidade da sociedade brasileira porque na hora em que nós apresentarmos as medidas nós não queremos que as medidas sejam do governo, nós queremos que sejam medidas feitas pela sociedade brasileira.

E depois tem o problema da alfabetização, que é um dilema, tem divergências. Eu sei quanto pensamentos sobre alfabetização tem no Brasil, tem muitos papas da alfabetização e todo mundo acha que tem a solução. Uns falam que com 30 dias está alfabetizando, outros falam que com 15, outros falam que com 10, outros falam que com 3, com 4, ou seja, tem alfabetização para tudo quanto é gosto. O dado concreto é que também temos um exército de pessoas analfabetas neste País, e nós queremos resolver. Tem teoria que diz: “não cuide das pessoas mais idosas, esses não precisam mais, vamos cuidar só dos jovens”. Como se uma pessoa de 90 anos, como eu vi no Rio de Janeiro, não tivesse o direito de se alfabetizar. Nós temos que cuidar de todos. Obviamente, dando uma prioridade, para não permitir que nasçam mais pessoas com propensão a ser analfabetas. Esse é um desafio que no final do ano eu cobre do Fernando. Eu falei: Fernando, não estou satisfeito com a nossa política de alfabetização, é preciso que a gente faça muito mais para que a gente resolva esse problema. E alfabetizar as pessoas, não é daquela forma, em que a pessoa aprende apenas a desenhar o nome para a época da eleição. Já é bom, mas não é isso. É preciso alfabetizar a pessoa para que, no processo de alfabetização, ela aprenda o suficiente para ter vontade de

continuar a estudar, que não termine apenas com o desenhar do nome, mas que continue até ter propensão a fazer um curso um pouco mais avançado.

As minhas inquietações são muitas. Eu vim aqui apenas para dizer a vocês das minhas inquietações. Não tenho solução. As soluções que eu tenho, possivelmente, algumas são válidas e outras não. Mas o que eu sei, concretamente, é que nós estamos em dívida com a educação. O Brasil está em dívida com a educação, os estados estão em dívida com a educação. Eu fico me perguntando, de vez em quando, o seguinte: por que em uma mesma cidade – e essa Prova Brasil mostra – uma escola pública tem nível 8 e outra tem nível 2? O que acontece, no mesmo espaço geográfico de uma cidade, onde os professores, certamente, ganham o mesmo salário, onde a orientação do Ministério da Educação é a mesma, e a do estado é a mesma? Por que em uma escola um aluno está bem, a classe está bem, a escola toda está bem, e em outra não está? Nós precisamos diagnosticar isso, sem culpar ninguém.

A idéia básica não é a gente encontrar culpados. A idéia básica é a gente encontrar a solução. O que eu não quero é que a gente permita que cresça, no Brasil, a idéia de que a única solução para esses jovens é puni-los. É isso que eu não quero que cresça no Brasil. Na hora em que a gente apresentar para esses jovens uma luz, uma oportunidade... Nós começamos com o ProJovem, com a Escola de Fábrica, com o Soldado Cidadão, com o Consórcio da Juventude... Ao todo, Walfrido, são quase 720 mil jovens, e nós estamos pagando uma certa taxa, que varia de 100 a 150 reais, para eles voltarem para a escola. Mas hoje eu estou convencido de que é a combinação do estudo com a combinação da possibilidade de emprego. Estou convencido disso. E aí, é preciso que a gente não só cuide da educação formal, mas cuide, também, da formação profissional dessa juventude.

Essas eram as minhas inquietações. Eram, não, são as minhas inquietações, que eu quero partilhar com vocês. Eu não posso ficar aqui, porque tenho uma reunião com os líderes dos partidos agora, estamos fechando algumas coisas. Mas, eu queria que vocês debatessem. Eu quero dizer para o Fernando que, embora nós tenhamos pressa de apresentar propostas para a educação, nós queremos ouvir todas as pessoas que tiverem alguma coisa para falar sobre educação.

Eu acho que essa é a vantagem de ter um segundo mandato: a gente

não tem a pressa que teve no primeiro, a gente pode fazer as coisas com muito mais cuidado, com muito mais ousadia e a gente pode fazer mais do que fez no primeiro mandato. Agora, para que a gente possa fazer isso, nós vamos precisar de um debate muito sério na sociedade. Da nossa parte, não se preocupem, nós estaremos dispostos a fazer quantos debates forem necessários, ouvir quantas pessoas forem necessárias, para que a gente possa apresentar uma resposta que seja satisfatória a médio – a longo prazo não dá para ser – tem que ser a médio prazo, a curto e a médio prazo.

Era, um pouco, isso que eu queria dizer para vocês. Espero, mais uma vez, a colaboração da Une, da Ubes, espero a colaboração de todos os educadores, dos reitores, dos ex-ministros, dos empresários da educação, do empresário da educação bem-sucedido que está aqui. E é isso. Nós não queremos ser os donos da verdade. No Brasil, habitualmente, acontece isso: o ministro da Educação acha que ele sabe tudo, que ele pode tudo, que ele faz um projeto e a sociedade tem que engolir. Isso acabou. O Ministro não sabe tudo, ele pode até ser muito inteligente mas, certamente, tem gente que sabe coisas que ele não sabe. É por isso que Deus nos fez com duas orelhas e uma só boca: para a gente falar menos e ouvir mais.

Obrigado.